



BANCA

Governo contrata Deloitte para avaliar Caixa Geral de Depósitos

Executivo quer saber quanto vale a Caixa, já que tem em cima da mesa a venda de 40% do banco do Estado

MARIA JOÃO GAGO
PEDRO SANTOS GUERREIRO

O Governo contratou a Deloitte para avaliar a Caixa Geral de Depósitos, sabe o **Negócios**. O objectivo é ter noção do actual valor de mercado do banco do Estado, tendo em vista a privatização de 40% da instituição liderada por José de Matos.

A contratação da empresa de consultoria é uma prova de que o Executivo de Pedro Passos Coelho está a ponderar seriamente a abertura de parte do capital da CGD a investidores privados. Aliás, pelo que o **Negócios** apurou, além da Deloitte, poderão ser solicitadas avaliações a outras entidades.

Tendo em conta que os bancos cotados valem hoje menos de metade da sua capitalização bolsista no final de 2008 e menos do que o seu valor contabilístico, a avaliação da Caixa poderá ficar abaixo dos 6.839 milhões de euros a que ascendia o seu capital próprio no final de Junho. Deste valor, 2.300 milhões correspondem aos aumentos de capital assegurados pelo Estado desde o início de 2009 (além dos 900 milhões de euros aplicados em instrumentos de capital contingente).

Depois da resposta evasiva do primeiro-ministro na sexta-feira passada, no Parlamento, o Governo permanece em silêncio. No debate quinzenal, questionado pelo líder do PS, António José Seguro, sobre esta possibilidade, Passos Coelho limitou-se a garantir que, "no dia em que o Governo tiver de anunciar alguma coisa relevante sobre a CGD, não deixará de o fazer". Contactada pelo **Negócios**, fonte oficial do Ministério das Finanças remeteu para a declaração do líder do Executivo.

De acordo com a última edição do "Expresso", a privatização parcial da Caixa - através da venda de 20% a investidores institucionais e da dispersão em bolsa de outros 20% - foi discutida entre a troika e a equipa de Vítor Gaspar na última avaliação do programa de ajustamento económico e financeiro (PAEF), concluída a meio do mês. Mas esta não é a primeira vez que a abertura do capital da CGD a privados faz parte da agenda do Governo.

A avaliação da Caixa poderá ficar abaixo dos 6.839 milhões de euros a que ascendia o seu capital próprio no final de Junho.

Em Fevereiro, altura da terceira avaliação do PAEF, o tema foi discutido no Executivo, como o **Negócios** noticiou em Março. No entanto, segundo garantiu então o Ministério das Finanças, o assunto não chegou a ser abordado com a troika.

Apoiantes, opositores e candidatos

No sector financeiro e dentro da própria Caixa, há quem apoie a venda parcial do banco público a privados. Em Março, o presidente do BPI, Fernando Ulrich, defendeu a abertura do capital da instituição que ganharia em ficar "sujeita à disciplina de mercado". Dois meses depois foi a vez de Pedro Rebelo de Sousa, administrador não executivo da CGD, se mostrar favorável à venda de até 40% do banco.

A operação contará com a oposição feroz do PS. Como garantiu no fim-de-semana Seguro, os socialistas "não aceitarão a privatização do único banco público em Portugal". Também na coligação o tema promete não ser pacífico, já que o CDS é um crítico antigo e público da operação. Esta terá sido, aliás, a razão para que a privatização da CGD tivesse ficado de fora do programa de Governo, ao contrário do que acontecia no programa eleitoral do PSD.

Apesar de o Governo ainda não ter assumido publicamente a intenção de avançar com a privatização da Caixa, já haverá potenciais interessados. O Banco do Brasil já terá expresso o seu interesse na operação, noticiou ontem o "Diário Económico". Há seis meses, dentro do Executivo admitia-se que uma instituição financeira francesa como um possível comprador.



Caixa em avaliação | Deloitte vai avaliar banco liderado por José de Matos, tendo em vista a sua privatização parcial.

MALPARADO VAI CUSTAR MAIS 700 MILHÕES EM 2012

As imparidades para crédito malparado da CGD deverão mais do que duplicar no segundo semestre face aos primeiros seis meses do ano, devendo totalizar 1.200 milhões de euros no conjunto do exercício, valor que poderá manter-se num nível idêntico em 2013, sabe o **Negócios**. Até Junho, a Caixa registou quase 500 milhões de imparidades para crédito com incumprimento, sobretudo devido à exposição ao financiamento imobiliário e à construção. No semestre em curso, o banco deverá abater mais 700 milhões aos resultados devido às perdas com malparado. O vice-presidente da Caixa, António Nogueira Leite, admitiu ontem que o banco vai continuar a registar imparidades por causa do crédito imobiliário concedido nos últimos anos, avisando que esse esforço penalizará os resultados do grupo. "As instituições vivem com constrangimentos porque têm passado. A CGD começou por ser um banco hipotecário e na última década deu protagonismo à construção, a tudo o que é obra imobiliária e ao financiamento público. Alguns de nós anunciámos várias vezes que esse caminho era um caminho sem futuro e a CGD tem de criar condições para que possa ter futuro", afirmou o banqueiro, citado pela Lusa. É nesse sentido que a Caixa pretende agora apostar no crédito a PME, designadamente exportadoras.

A CGD não dá crédito a quem bate a porta, nem aceita sugestões pontuais de figuras, independentemente do poder político que exhiba.

ANTÓNIO NOGUEIRA LEITE



Governo contrata
Deloitte para avaliar
Caixa Geral
de Depósitos **Empresas 8**